Capítulo 19

“Certamen agrícola, industrial e de manufaturas”: o aparecimento do novo século e a participação de Sergipe nas exposições nacionais

Fabírcia de Oliveira Santos
Alexandrina Luz Conceição

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Ciência & Sociedade collection. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

19.

“Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas”: o aparecimento do Novo Século e a participação de Sergipe nas exposições nacionais

Fabricia de Oliveira Santos¹

Alexandrina Luz Conceição²

Manifestações primeiras da industrialização triunfante, em meados do século XIX, as grandes exposições tornaram-se espelho da sua própria época, ao adaptarem-se à evolução sócio-geopolítica da humanidade em mutação permanente. Assim, a sua história reflete, de forma irrefutável, o devir geopolítico dos últimos 150 anos. Apresentando-se como manifestações de prestígio, senão de ostentação, onde as nações pretendem afirmar e/ou consolidar o seu próprio poder económico, procuram exaltar a fé na ciência e na técnica e a aspiração ao progresso. Revelam-se como testemunhos fidedignos da evolução do saber e da atividade humana (VERÍSSIMO, 1998, p. 31).

As Exposições Universais, ocorridas entre 1851 e 1908 na Europa e na América do Norte, são consideradas eventos peculiares na consolidação da burguesia, ícones da modernidade, das novas tecnologias e das

1. Doutoranda em Geografia do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (NPGeo/UFS). Professora do Curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre (UFPI/CCN/Arqueologia).
E-mail: fabriciase@gmail.com

2. Profa. Visitante do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe - NPGeo/UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Re-ordenamentos Territoriais (CNPq/UFS).
E-mail: aluz@oi.com.br

pesquisas científicas vigentes no período. Sergipe, do que se tem notícia, não teria participado dessas mostras. Mas, a realização de uma exposição local entre 1899 e 1900, no “aparecimento do novo século”, conforme o “Programa e Regulamento da Exposição Commemorativa Sergipana em Aracaju – Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas”, documento impresso de 1899³, indica a sua inserção no mundo das exposições, em tempo que o acervo exibido em Aracaju, ao finalizar a mostra, seria enviado para a “Exposição Permanente do Museu Comercial da Filadélfia”, nos Estados Unidos. Outras referências à participação sergipana nesses “certamens” estão registradas em edições da Revista Agrícola de 1905 a 1908, referindo-se ao convite recebido, aos objetivos para o comparecimento e a descrição dos produtos enviados para serem expostos na Capital Federal, Rio de Janeiro, na ocasião de “comemoração do centenário de abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional”.

As exposições e sua divulgação

(...) os museus e a imaginação museologizante são profundamente políticos (ANDERSON, 2008, p. 246)

As exposições, mesmo que de curta duração, possuem e/ou formam acervos, e levam a comunicação de algo, apesar de não cumprirem, obrigatoriamente, a salvaguarda dos mesmos, e estão imbuídas de um discurso sobre o que se expõe:

Os museus apresentam sempre uma coleção que, ao ordenar e dar sentido a seus conteúdos constrói uma narrativa. Os museus realizam uma transformação simbólica. Os objetos retirados de seu contexto original se tornam obras de arte, relíquias, artefatos. Objetos concretos do mundo transitório, da vida cotidiana, passam a representar valores abstratos – a nação, a evolução da espécie, a indústria, a imigração, a cidade (OLIVEIRA, 2008, p. 148).

Os objetos utilizados em exposições, se pertencentes ou não a museus, são concebidos não apenas como objetos funcionais, além de sua natureza e função, mas como objetos históricos, “de ordem ideológica e não cognitiva (...) que dizem respeito à dinâmica na vida das

3 O documento integra o acervo da Documentação Sergipana da Biblioteca Pública Epifânio Dória, Aracaju, Sergipe.

sociedades" (MENESES, p. 27-28), e as exposições são concebidas como discurso – "pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais" (MENESES, p. 46) e com especificidades próprias e, como linguagem museológica, os discursos das exposições são essencialmente espaciais e visuais, e não simples variações ou adaptações da linguagem verbal. Contudo, observa-se "um lamentável deslocamento de papéis: o que deveria ser 'dito' com os objetos passa à responsabilidade das legendas e outros recursos" (MENESES, 2005, p. 47).

Para as referências às exposições examinadas neste artigo, as abordagens museológicas contemporâneas podem ser anacrônicas, uma vez que "a exposição, principalmente no século XIX, sempre esteve ajustada aos estágios mais avançados das ciências" (MENESES, 2005, p. 33) e na maioria das vezes, "convencionais" (organização de objetos para produção de sentido, ou "meramente taxonômicas, classificatórias – numismática, porcelanas, mobiliário, armaria etc." (MENESES, 2005, p. 35). Entretanto, como não é possível para o momento acessar os objetos expostos nas mostras realizadas (1899 e 1908) para uma análise atual do seu discurso expositivo, o artigo foca apenas indícios sobre as exposições em impressos. Possibilidade destacada por Barbuy (1996) ao analisar a divulgação da participação do Brasil na Exposição Universal de 1889 em Paris, através de impressos produzidos para/sobre esta mostra.

Recorrer aos impressos como fontes de acesso às exposições justifica-se por considerá-los também, ao lado das mostras, como produções de uma nova visão de mundo que se irradia na esteira das mudanças operadas na política na segunda metade do século XIX, cujo papel da imprensa contribui para mudanças de representações sobre/para o Brasil, a partir, sobretudo da modernização de suas capitais, como o Rio de Janeiro na luta contra os "velhos hábitos coloniais" (SEVCENKO, 2003, p. 46).

O texto em pauta compulsa um programa para a organização de exposição na cidade de Aracaju, conforme padrões estabelecidos em "certamens" semelhantes, e notícias em uma revista – gênero que se constituía também em grande novidade à época (MARTINS, 2008).

De acordo com Santos e Costa (2006, p. 348):

Os governos dos países convidados, juntamente com os setores empresariais de vários ramos da atividade econômica, enviavam amostras de produtos, visando a realizar algum tipo de publicidade ou efetivar negócios. Lembremos que data do final do

século XIX o nascimento da publicidade através dos jornais, revistas e outros meios de comunicação de massa. Jornais, folhetos, livros organizados (como o *Le Brésil* para a Exposição de Paris em 1889), entre outros meios de propaganda, foram utilizados pelas Comissões que representavam o Brasil como uma forma de divulgação das matérias-primas, potencialidades naturais e da incipiente “indústria” do país, para os investidores e mercados externos, e, também, para o imigrante estrangeiro.

Desta forma, os impressos podem ser considerados como um dos propagadores do discurso das exposições, que é o discurso da classe dominante que ansiava por uma produção unificada de uma linguagem através da reprodutibilidade garantida pela imprensa. Anderson (2008, p. 80) aponta a imprensa como o embrião das comunidades imaginadas proporcionadas a partir de um capitalismo tipográfico⁴, através da imprensa, criou campos unificados de intercâmbio e comunicação. As exposições, por sua vez, produzem também uma linguagem através dos objetos e demais itens em exposição, mas que necessitam de ampla divulgação impressa como forma de sedimentar um discurso⁵. Assim, exposições e imprensa, unidos para a produção de uma linguagem (a troca social de vocabulário em um locus, aqui, os impressos) que unifica uma imagem para o campo.

O “Programa e Regulamento da Exposição Commemorativa Sergipana em Aracaju – Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas”

Uma pequena publicação impressa de cerca de 15x10cm, datada de 1899 (Figuras 1 e 2), aborda, em suas vinte e quatro páginas, o seguinte conteúdo: capa, texto introdutório convidativo à mostra, Ato do Poder Executivo que aprova o programa e instruções da exposição, a distribuição das seções, as instruções regulamentares e modelo de folha para expedição dos produtos.

4 Capitalismo e imprensa criaram públicos leitores de massa monoglotas, apesar de não haver a possibilidade de uma unificação lingüística geral da humanidade, mas o capitalismo editorial conseguiu montar vernáculos aparentados criando línguas impressas, reproduzidas mecanicamente (ANDERSON, 2008, p. 78-79).

5 O conceito de discurso é aqui entendido como uma enunciação de outrem unida a um contexto por relações dinâmicas, complexas e tensas (BAKHTIN, 1997).

Fig 1 - Capa do Programa

Fig 2 - Capa da distribuição das Seções

O texto que abre o referido programa, diante o seu conteúdo, teria sido enviado para os expositores do evento. O Programa foi elaborado em agosto de 1899, com a inauguração prevista para 24 de outubro do mesmo ano e duração até 07 de janeiro de 1900:

Attento a necessidade da boa organização e indispensável distribuição das seções respectivas da Exposição que tem de ser inaugurada nesta capital e figurar na cidade de Phyladelphia, tenho a subida honra de dirigir-me a V. S. confiado no vosso amor as industrias e progresso do Estado, como no seu acrysolado patriotismo, de enviar de enviar o mais breve possível os productos que pretender expor, ou dar aviso com antecedência do espaço que requisitar para os mesmos.

Esperando que com o vosso concurso maior brilhantismo advirá para honrar nosso Estado, tenho a subida honra de subscrever-me.

D V. S.

Attento venerador
Alcibiades Leite
Comissario do Governo
(EXPOSIÇÃO, 1899, p. 3)

No texto depreende-se o destaque veemente do convite à participação daqueles com “amor a indústria e ao progresso do Estado”. Indica a possibilidade da inserção do estado de Sergipe nas exposições internacionais no âmbito da espacialização do capital (HARVEY, 2006), e indícios de um “capitalismo tipográfico”⁶ (ANDERSON, 2008) neste processo, e a recorrência das exposições como parte do vocabulário que referendam o signo (BAKTHIN, 1997) do progresso associado à agricultura sergipana de modo que, assim como para o Brasil, participar das exposições e organizá-las é um instrumento de convencimento das próprias elites do que para a cooptação dos trabalhadores (PESAVENTO, 1997, p. 71). No contexto analisado, a agricultura, a sua modernização seria a condição para estabelecer a indústria e os caminhos do progresso técnico.

A segunda metade do século XIX inaugura, a partir da Europa, o desejo de um mundo unificado com a expansão do capitalismo industrial que alteraria a representação das fronteiras, fato proporcionado, sobretudo, pelos avanços das comunicações, do comércio internacional, e dos “exploradores”⁷. Porém, a unidade prescindia a rivalidade entre nações consideradas desenvolvidas economicamente: “a unidade do mundo implicava a sua divisão. O sistema mundial do capitalismo era uma estrutura de ‘economias nacionais’ rivais” (HOBBSAWM, p. 113). Nessa contradição unificação *versus* rivalidade de disputa de mercados emergem mecanismos de síntese de mercadorias e serviços, entre eles as exposições, que figuram como um

Catálogo de conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas, a exposição funcionava para seus visitantes como uma ‘janela para o mundo’. Ela(s) exibiam o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico, o longínquo.

Nelas se exibiam as mais complexas máquinas, os mais recentes inventos, classificados cuidadosamente e organizados segundo preocupação didática e enciclopédica (...) Apresentando um verdadeiro engenho humano de seu tempo, as exposições teriam a função didático-pedagógica de instruir os visitantes, prestando-lhes as mais diversas informações sobre os objetos expostos. (PESAVENTO, 1997, p. 45)

6 Ver, também, Hobsbawm, 2010, p. 104-105.

7 De acordo com Hobsbawm (2010, p. 91-92): “homens que abriram o planeta ao conhecimento. Eram os que viajavam em áreas onde o desenvolvimento do econômico do lucro ainda eram insuficientemente atraentes para fazer substituir o ‘explorador’ pelo ‘comerciante’ (europeu) (...)”. Ver, também, Pratt (1999, p. 69).

Os objetivos da exposição de 1899 em Sergipe estavam arraigados ao modelo inicial das exposições burguesas, sobretudo no que diz respeito à classificação dos objetos e demais itens com a finalidade de integração de Sergipe à modernidade. A ideia do deslocamento do acervo compor uma mostra permanente no Museu Comercial da Filadelfia significava, nas palavras do Poder Executivo,

[...] o Presidente do Estado, tendo em consideração as grandes vantagens que para as industrias e progresso do trabalho e estímulo do cidadão resultam dos concursos estabelecidos pelas exposições e pre-julgamento das produções da actividade individual, que concorrendo, a estes certamens, ou por ellas reconhecendo o grande desenvolvimento das industrias fabril e agricolas, as artes e manufacturas, das sciencias e da instrução do povo, mais activa e impulsiona o estímulo para o aperfeiçoamento e educação do trabalho e da intelligencia do cidadão;

E tomando consideração a necessidade de responder ao appello dirigido a este Estado para apresentar o esforço, actividade e progresso de seu povo perante o estrangeiro, enviando todos os productos naturaes do nosso ubérriimo solo e seus artefactos e productos industriaes para figurarem na EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE PHILADELPHIA, concurso em que figurarão todos os Estados da America, e que **tem por fim igualmente patentear aos mercados consumidores o aperfeiçoamento e as especialidades das diferentes produções que forem susceptíveis de consumo ou applicadas a transações e estabelecer as recíprocas relações commerciaes, base da prosperidade do desenvolvimento das industrias e riqueza do Estado**⁸:

RESOLVE

1º. Approvar o Programma e Instruções Regulamentares para inauguração de uma EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA, INDUSTRIAL E DE MANUFACTURAS, comprehendendo os productos naturaes, artefactos e quinquileries de grande e pequena industria, organizado pelo Director da

8 Grifo nosso.

Secretaria Geral dos Negocios do Estado, Alcibiades Leite, como ponto inicial para a representação deste Estado na EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO MUZEU COMMERCIAL DE PHILADELPHIA no Estado da Pensylvania, da Republica dos Estados Unidos da America do Norte. (EXPOSIÇÃO, 1899, p. 5-6)

As razões do deslocamento desse acervo para Museu Comercial requer situar a importância dessa instituição no período, como parte do projeto americano que, a partir de 1876, inicia sua entrada como palco das mostras universais, tendo a cidade da Filadelfia como *locus* (PESAVENTO, 1997). A partir deste evento, seus organizadores, ao verificarem a importância das feiras universais, inauguram em 1897, um espaço que poderia abrigar, de maneira permanente e renovada a possibilidade de acesso às mercadorias do mundo, um local de classificação e apresentação de possibilidade de negócios, através da exposição da cultura material decorrente da agricultura, indústria, manufaturas manuais e do comércio. Assim, em 1899, o Museu inicia suas atividades ao hospedar a Exposição Nacional de Exportação, e torna-se, imediatamente, a fonte primordial de informação de comércio internacional para os indivíduos empreendedores (WOLFROM, 2010). O Museu oferecia a possibilidade de síntese de um maior número de informações possíveis de várias partes do mundo para fins comerciais. Além da mostra permanente de cultura material presente em suas vastas exposições permanentes (Figura 3) abrigava um parque gráfico com a impressão de periódico próprio e serviço de mala direta, além de biblioteca especializada e serviços pedagógicos às escolas, setor de estatística da economia mundial, e de tradutores de textos diversos (WOLFROM, 2010).

Fig. 3 - Vista do Museu Comercial - coleção japonesa. 1910

De acordo com o Programa a participação de Sergipe na exposição do referido Museu, significa:

[...] patentear aos mercados consumidores o aperfeiçoamento e as especialidades das diferentes produções que forem susceptíveis de consumo ou applicadas a transações e estabelecer as reciprocas relações commerciaes, base da prosperidade do desenvolvimento das industrias e riqueza do Estado (EXPOSIÇÃO, 1899, p. 6).

A presença de acervos brasileiros em Museus no exterior, sobretudo, os comerciais é verificada desde o século XIX. Iniciativa decorrente dos organizadores das mostras universais para criar um novo modelo com maior duração, uma vez que essas mostras, além de onerosas tinham implicações na natureza temporária das mesmas: “era chegada a hora de propor uma nova modalidade de exposição capaz de fazer o duplo trabalho de expor e divulgar as inovações tecnológicas, as criações artísticas e os estudos etnográficos e ainda fomentar o comércio nacional e internacional” (BORGES, 2007, p. 99). A participação de Sergipe neste momento representa a sua inserção direta no roteiro das grandes mostras internacionais de longa duração que seria transposto para o Brasil em 1907, com a criação do Museu Comercial do Rio de Janeiro e do Serviço de Propaganda e Expansão Econômica do Brasil no Estrangeiro.

A formação desses museus comerciais ao longo da segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do XX é indicada por Borges (2007, p. 100) quando observa a sua finalidade:

Estruturados, em geral, a partir da parceria entre poder público e associações comerciais, os museus comerciais deram grande suporte ao comércio que a Europa mantinha com suas colônias e com as jovens nações iberoamericanas. Nossas evidências indicam que tanto o Brasil quanto o México adotaram essa modalidade de publicidade comercial que se tornou rotina nas grandes cidades, sobretudo portuárias, européias a partir das duas últimas décadas do século XIX.

O Programa indica, portanto, que Sergipe, assim como os demais recém-criados Estados iniciava sua “inserção na modernidade” através da exposição de seus produtos e inovações técnicas, mas, também,

ao apresentar a sua história⁹ como um fator essencial à formação e fortalecimento do Estado, uma “museificação política” (ANDERSON, p. 251): a reprodutibilidade de insígnias, uma laicização da tradição – a incorporação de heranças políticas em andamento, como a valorização e criação de monumentos, unificação da história pela reprodutibilidade.

As exposições na Revista Agrícola, da Associação Agrícola de Sergipe (1905-1908)

De acordo com Barbuy (1996, p. 211), as exposições universais se constituíam na mais condensada representação material do projeto capitalista no mundo. Apesar de uma nova imagem de progresso para o Brasil ser considerada por alguns autores a partir da República (BORGES, 2007, p. 95), a participação do Brasil nas exposições anteriores pode rever essa ideia, afinal, o progresso, mesmo nos idos do Império figurava nos discursos que previam um modelo de nação, não só nas mostras universais, como também nas exposições nacionais realizadas no então Brasil Império, como a de 1873, no Rio de Janeiro:

A exposição realizada na Escola Central do Largo de São Francisco esteve aberta por cerca de um mês. Menos pretensiosa que as demais, as províncias apresentaram seus produtos: o carvão de pedra do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; o café do Rio de Janeiro, que também comparecia com a sua indústria de metais, trabalhos de marcenaria, louças, tecidos, fumos, vinho, cerveja, chapéus, sapatos, velas, sabão, papel. (PESAVENTO, 1997, p. 144-145).

Obviamente que existem diferenças cruciais entre os projetos de nação para o Brasil no Império e na República, mas o uso que se faz das palavras, sobretudo de signos como o progresso, aparecem associados, com significações semelhantes aos dois modelos de política vigentes nos respectivos períodos. A emergência da República em 1889 não é o fim de ideários e projetos anteriores, ou uma sequência linear de causa e efeito, mas, como analisaram Herschmann e Pereira (1994, p. 19): “não se trata de enfatizar uma continuidade, mas de ressaltar as estratégias desfechadas pela elite na sua tentativa de perpetuação no poder

9 Há no Programa a “Seção V – Ciencias, Litteratura e Historia” que apresentaria documentos históricos e geográficos, mapas, cartas e plantas, estatísticas etc.

e de defesa de seus interesses". Logo, existiriam mudanças no sentido de novas formas de pensar, mas, também, reestruturações no poder. E essas possíveis estratégias seriam disseminadas em alguns suportes que poderiam fornecer indícios da tensão e conflitos entre as classes na então República. Uma República, uma ideologia, que sedimentaria o Estado brasileiro, definindo-o a partir da espacialização do capitalismo e do início de seu processo de mundialização (CHESNAIS, 1996).

E, nesse processo, os periódicos são veículos de divulgação das ideias e "novidades" vigentes. O primeiro número da Revista Agrícola de 15 de janeiro de 1905, uma publicação da Sociedade Sergipana de Agricultura, destacou entre suas "Noticias Diversas" a participação do Brasil na *Exposição Universal de St. Louis* em 1904:

Exposição de S. Luiz

Sobre este grande certamen a quem concorreram todas as nações do mundo, escreveu ao "Correio Paulistano" o Dr. Francisco Ferreira Ramos, relativamente a posição do Brasil ali representado e dos prêmios obtidos, que se lê em seguida:

[...] "O Brazil é um paiz que começa a despertar, disse-nos um Professor da grande nação". É preciso agora não pararmos nisso e tirar partido dos elementos já accumulados. A exposição de Lousiania veio salientar um facto de elevado alcance para nós, nessa grande feira ficou provado que é a agricultura que reside a principal grandeza dos Estados Unidos da America do Norte!...

É nos gêneros de primeira necessidade, nas forragens, na cultura do algodão, e na industria pastoril que rezide a principal grandeza do paiz. Foi daí que surgiu essa serie de industrias e de empreendimentos que hoje representam a grandeza da América do Norte.

A primeira condição para que um povo possa fundar e desenvolver suas industrias, é possuir gêneros de primeira necessidade abundantes e baixo preço. (...) (REVISTA AGRÍCOLA. n. 1, p. 7-8, 15/01/1905)

O destaque a agricultura é constante nas diversas medidas de sucesso econômico da nação brasileira. De tal maneira que, desde a segunda metade do século XIX, na montagem da primeira exposição nacional, que se via para o Brasil a agricultura como o principal fundamento de riqueza (PESAVENTO, p. 102). Neste sentido, a agricultura aparece

diluída sob várias formas de representação nas seções das mostras: "I. Productos naturales; II. Industria; III. Manufacturas; IV. Artes; V. Ciencias, Literatura e História; VI. Mechanica" (EXPOSIÇÃO, 1899, p. 12-14).

Como arte de expor mercadorias que acompanha o avanço do capitalismo, as exposições fornecem um arcabouço discursivo ao reunir em um mesmo espaço o objeto, a linguagem e o público. O desejo de expor nasce atrelado ao desenvolvimento dos países produtores de mercadorias. E a propaganda é, sem dúvida, o grande baluarte do capitalismo, ao criar, sobremodo, um arcabouço em torno dos produtos como forma de aumentar o lucro e escamotear as relações de produção envolvidas: "artifício de sedução social, a publicidade e a propaganda não são pura criação ou arbitrariedade imposta: elas se apóiam em tendências latentes, em desejos manifestos, em inclinações não implícitas, mas detectadas, e as manipulam, induzindo ao consumo, à aceitação, ao maravilhamento" (PESAVENTO, 1997, 49).

A Revista Agrícola pode ser considerada como uma fonte inserida em um projeto de produção de uma linguagem unificada para/sobre o meio rural sergipano e suas vinculações ideológicas no sentido geo-político. A imprensa como um suporte de linguagem da classe dominante¹⁰, é uma das formas de apresentar suas ideias "toda classe dominante é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, é obrigada a dar às suas ideias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas" (MARX e ENGELS, 2007, p. 48).

A partir dessa análise, as ideias da classe dominante – agricultores, comerciantes, industriais, intelectuais – para serem reconhecidas como válidas, encontrariam no discurso veiculado na Revista, as ideias de sua dominação, a naturalização de sua vontade, de sua razão, sua visão de mundo sobre o meio que a cerca. Aspecto que pode ser denotado na transcrição que se segue:

Exposições estadoaes

O Estado do Rio de Janeiro prepara-se para effectuar, este anno, uma exposição de productos agrícolas, industriaes e pastoris fluminenses, com secções especiaes para fructos e flores. A Bahia pretende também exhibir no Lyceu de Artes e Officio os seus

¹⁰ O conceito de classe dominante é aqui compreendido como a classe que tem à sua disposição os meios materiais de produção e as ideias.

productos que julgamos causarão sucesso por sua importância e multiplicidade. São Paulo já fez sua exposição de gado, e o Paraná secundou a Capital Federal com sua esplendida exposição de álcool. **Nós é que nada poderemos tentar, por que ainda que muito tivéssemos para expor (e sempre temos alguma cousa) não teríamos quem visse a nossa exposição pela dificuldade de acesso do nosso Estado**¹¹. Decididamente a estrada de ferro entre nós é todo o nosso futuro; sem ella todo o nosso esforço será baldado. Até quando esperaremos por semelhante benefício? (REVISTA AGRÍCOLA. n. 36, p.358-359, 15/07/1906).

As queixas de 1906 da não participação de Sergipe em mostras parecem conflitar com os anseios do Programa de 1899. Contudo, a construção de uma ideia de isolamento do estado, e, sobretudo, do campo, pode ser considerada como uma saída para referendar com louvores determinadas situações e projetos, como se lê no júbilo com o recebimento do convite para a participação de Sergipe na exposição de 1908 no Rio de Janeiro. Notícia que mereceu matéria de primeira página na Revista Agrícola de 15 de julho de 1907 com informes sobre publicação de Ato pelo Presidente do Estado designando comissão para angariar os produtos a figurar no "certamen":

O primeiro passo está patrioticamente dado... resta que todas as classes sergipanas, todos os espíritos que amam esta terra... venham ao encontro de tão brilhante certamen (...) fugir disso é fugir do cumprimento de um dever, é um crime para com Sergipe, que diante dos outros Estados, em face do mundo, devo ostentar e manifestar sua individualidade própria, tanto mais digna de admiração e de apreço... A Sociedade Sergipana de Agricultura estará coadjuvando a comissão... não será fora de propósito lembrar que, a semelhança de outros Estado, os productos que serão enviados para a Capital Federal sejam aqui previamente expostos, afim de que os Sergipanos possam apreciar, no seu conjunto, a manifestação dos progressos de nosso pequeno e estremecido Estado. (...) Todos os productos, poderão, para este fim, ser enviados para um depósito,

11. Grifo nosso.

onde sejam acolhidos e tratados com todo o zelo, para o Trapiche Lima, por exemplo, donde sahirão para o edificio destinado para a exposição prévia (...) (REVISTA AGRÍCOLA. p. 581-582, 15/07/1907)

Após a euforia da publicação dessas informações a Revista Agrícola veicula poucas referências em 1908 sobre os trabalhos da "Directoria Executiva da Exposição". Constam apenas informações sobre regulamentos a serem cumpridos pelos expositores: rol de perguntas de um questionário que deverá acompanhar cada produto especificando dados sobre a produção, valor de comercialização, a distância do centro de produção ao porto de embarque ou estrada de ferro, fretes, impostos pagos até o centro de consumo (tratando-se de produto industrial), o tipo de matéria-prima empregada, se nacional ou estrangeira (REVISTA AGRÍCOLA. p. 699-700, 01/01/1908). Outro exemplar desse periódico expõe sobre determinações específicas para a exposição de flores, frutas e horticulturas, além de uma descrição detalhada do pavilhão de São Paulo a ser construído para a mostra (REVISTA AGRÍCOLA. p. 728-729, 15/02/1908). A última referência encontrada na Revista veicula sobre regulamento especial da entrada na exposição, trata da venda de bilhetes e formas de acesso diferenciado para expositores e visitantes, e para a imprensa local e estrangeira, as normas para transporte de volumes no espaço da exposição (REVISTA AGRÍCOLA. p. 757-758, 01/04/1908).

Observações Finais

Fundado no principio que - a imprensa é a luz (FARO, Evangelino de. 15/07/1907, Revista Agrícola, p. 582).

O registro da participação de Sergipe nas exposições de caráter internacional e nacional permite perceber a vinculação discursiva entre aqueles que produziam a indústria, a agricultura e o comércio. O campo, de acordo com as notícias, emerge como fornecedor de capital para a indústria. No entanto, essa lógica parece contraditória. O campo é referido como atrasado, mas, o seu desenvolvimento tecnológico seria a condição do progresso industrial e comercial: "um país em que se tratava de estabelecer a indústria, os caminhos do progresso técnico passavam, necessariamente, pela modernização agrária" (PESAVENTO, 1997, p. 71), contudo, o discurso publicado não era uníssono, apesar dos esforços sempre reiterados na fala dos autores das matérias da Revista e do Programa da exposição.

A propaganda – os artifícios de convencimento, e a publicidade – a divulgação das exposições, são compulsadas não apenas como fator para a exposição de produtos definindo pavilhões e *stands*, e legendas, mas, como ferramentas discursivas presentes nos impressos que, ao compor discursos, justificam a ampliação de mercados (DEL PRIORI; VENÂNCIO, 2006, p. 172), e também passam a ser incorporadas no arcabouço de um vocabulário para a modernização do campo sergipano. O Programa de 1899 e as Revistas de 1905 a 1908 e outras possíveis fontes representam apenas indícios de um tecido maior que deve ser cerzido à luz da produção do espaço capitalista e dos meandros de sua especialização, entre eles, os discursos impressos a serem desvelados como parte de um capitalismo tipográfico e da produção de uma linguagem para/sobre o campo sergipano que naturalizam as formas de exploração do capitalismo.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. 1996, vol.4, n.1, p. 211-261.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do Brasil Moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos *Museus Comerciais* europeus, 1906 a 1908. **História**. São Paulo. vol.26, n.2, p. 92-117, 2007.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

DEL PRIORI, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

EXPOSIÇÃO Commemorativa Sergipana em Aracaju. Certamen Agrícola, Industrial e de Manufacturas. Programa e Regulamento. Aracaju: Typ. do O Estado de Sergipe, 1899.

HARVEY, David. **A produção do espaço capitalista**. 2.ed. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2006.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto M. (Org.). **A invenção do Brasil Moderno**. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, Erick. **A Era do Capital, 1848-1875**. 15.ed. Tradução de Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e

Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia G.; VIDAL, Diana G. **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argvmentum; Brasília: CNPq, 2005. p. 15-84.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é Patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução Jézio Hernani B. Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REVISTA AGRÍCOLA. Aracaju: Sociedade Sergipana de Agricultura; Imprensa Moderna, 1905-1908.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita; COSTA, Adilson Rodrigues da. A Escola de Minas de Ouro Preto e as "Seções de Geologia" do Brasil nas Exposições Universais. **REM - Revista da Escola de Minas**. Ouro Preto, MG. vol.59, n.3, p. 347-353. 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERÍSSIMO, Maria de Lurdes. As Exposições Universais: Reflexo de Esperanças e Contradições dos Últimos 150 anos. **Latitudes**, n° 3, p. 31-32, jul., 1998. Disponível em: http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/17_3_7.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2010.

WOLFROM, Katelyn A. **Commercial Museum History**. Disponível em: http://www.phillyseaport.org/web_exhibits/mini_exhibits/mini_exhibits/philadelphia_commercial_museum/. Acesso em 15/06/2010.